

Colecionar em Vitória

Dos meus tempos de repórter de economia guardo uma lição do secretário da Fazenda Armando Rabelo. Estavam a pata e a galinha a vender seus ovos. Os da pata ficavam no cesto, enquanto os da vizinha vendiam feito pipoca em filme para crianças. Como podia isso, se os da pata eram mais graúdos?

- Ah, senhora pata, a senhora fica aí parada, calada. A galinha põe ovos menores, mas olha que propaganda ela faz!

Eu me lembrei disso no II Encontro Nacional de Multicoleccionismo de Vitória. Havia lá um gajo que gritava seu produto: cédulas estrangeiras em promoção. Isso no primeiro dia. No último fui lá de novo, bem no final, e conversei com alguns expositores. No geral estavam felizes com os negócios, com a cidade, com a recepção do povo daqui. E prometem voltar.

Um senhor distinto disse que foi legal, mas faltou dizer que o encontro não era de exposição, e sim de venda... Mas, pensei comigo, apesar de ser um senhor distinto, que imitasse o rapaz das cédulas.

O moçambicano radicado no Rio de Janeiro cujo sobrenome é Fevereiro foi sucinto ao responder, ele que vinha pela segunda vez: “Tanto que vou voltar no ano que vem”.

Fevereiro é um *expert* em selos. Vi quando lhe pediram consultoria sobre um selo em negociação em outra mesa, a 900 reais no catálogo. Foi rápido no gatilho: tratava-se de uma falsificação, tirada de uma folha inteira de prova gráfica sem picote que foi picotada pelo comerciante filatélico tal e tal, do Rio... Podia valer 30, 40 reais, porque dava para ser guilhotinada e voltar ao estado anterior. A peça foi vendida a 30,00.

Admiro os profissionais competentes em qualquer especialidade. De pregador de botões a estrategistas de planos econômicos. Por isso pensei que um encontro assim é a oportunidade de colocar-se frente a frente com os cobras do colecionismo nacional. Alguns deles moram em Vitória. Como Seu Joaquim.

Ele prefere, desde o ano passado, um canto de corredor pra vender moedas. Tentei falar com ele, sem sucesso, tantos eram os que rodeavam sua mesa. Vi ali um rapaz que iniciava sua coleção, com peças do final do século XIX, a precinhos de convencer, expostas em pequenas bacias. Porque, num encontro assim, o comprador pode rapidinho confrontar os preços de mesas vizinhas. A “embalagem” rústica do produto também dava um toque simpático. Isso tudo é “cantar” o produto.

O Arno, médico no Paraná, veio pela segunda vez e volta no ano que vem. Fica vizinho das mesas de quatro conterrâneos. Juntos, vão a encontros também no exterior. Recentemente, em Berlim. Um megaevento de mil expositores. Ele tem uma coleção completa de selos e de moedas do Brasil. Virou “comerciante” a partir das sobras dos lotes que comprava só por causa de meia dúzia de peças. Agora vende novidades

também. A moeda comemorativa Entrega da Bandeira Olímpica, de 2012, custava ali 5,00. Em outra mesa, estava a 10,00. Sua forma de cantar era caprichar no preço.

Num canto está o vendedor cujo forte são as canetas. Satisfeito com a cidade. Maravilhado – foi com um grupo de sete pessoas – com um restaurante que tem caranguejo no nome. Mas acha que sua mesa, ali, estava meio escondida. Só foi bem visitado depois que a TV Gazeta fez um matéria que mostrou seus produtos.

Então é isso. No I Encontro foram 40 expositores. No segundo, 62. Nesse ritmo, logo se chega a 100. Faltarão só 900 para a marca de Berlim! Mas aí será cantar de galo.

PS: A Sociedade Capixaba de Multicoleccionismo se reúne quinzenalmente em Jardim da Penha. Contatos: 3225-1915 ou manhatys@gmail.com